



**O MILENARISMO DOS TABORITAS
NA BOÊMIA DO SÉCULO XV
E SUA INFLUÊNCIA NO PENSAMENTO
DE JOÃO AMÓS COMENIUS**

**MILLENARISM OF TABORITES
IN FIFTEENTH CENTURY BOHEMIA
AND HIS INFLUENCE ON
JOHN AMOS COMENIUS' THOUGHT**

Edson Pereira Lopes

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Professor da Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo.

E-mail: enlopes@mackenzista.com.br

RESUMO

Estudiosos dos diferentes grupos e movimentos na história eclesiástica poucas vezes destacam os hussitas-taboritas. A presente reflexão demonstrará quão relevante foi a concepção milenarista do citado grupo, quando no seu enfrentamento das tropas católico-romanas, haja vista que as guerras hussitas na Boêmia do século XV encorajavam os taboritas a resistir às forças imperiais católicas que intentavam invadir e destruir a Boêmia (atual República Checa), com a mensagem da volta iminente de Cristo para estabelecer o seu reino. Ao mesmo tempo, terá como finalidade destacar que João Amós Comenius, considerado o pai da pedagogia moderna, por ser advindo dos hussitas-taboritas, foi influenciado por eles em sua proposta pedagógica conforme descrita em sua obra mais conhecida: *Didática magna*.

PALAVRAS-CHAVE

Comenius; Educação; Conflitos religiosos; Milenarismo; *Unitas Fratrum*.

ABSTRACT

Scholars of the different groups and movements in church history give no great emphasis on the hussites and taborites. This article intends to demonstrate how relevant was the millenarian conception of that group, when in its confrontation of Roman Catholic troops, it is seen that the hussita wars in fifteenth century Bohemia, encouraged the taborites to resist the forces that imperial Catholic forces which had the goal of invade and destroy Bohemia (nowadays the Czech Republic) with the message of

the imminent return of Christ to establish his kingdom. At the same, this article intends to highlight John Amos Comenius, considered the Father of Modern Education, as he came from the hussites-taborites, was influenced by them in his educational proposal as described in his most famous work: *Didactica magna*.

KEYWORDS

Comenius; Education; Religious conflicts; Millenarism; *Unitas Fratrum*.

1. INTRODUÇÃO

Nos estudos pedagógicos identificamos como o pai da pedagogia moderna João Amós Comenius, que sistematizou a educação moderna com base na *Didática magna* e foi influenciado pela concepção milenarista dos taboritas do século XV, apesar de nascer a mais de um século depois. O pressuposto desta reflexão consistirá em identificar que os hussitas-taboritas superaram e venceram diversas cruzadas dos exércitos do imperador Sigismund e do papa, tendo como fundamento sua concepção milenarista, quanto à volta iminente de Cristo e instauração do seu reino, e que essa sobrevivência resultou na identificação e formação do caráter religioso da “Fraternidade dos Irmãos”, conhecidos como moravianos¹, de onde surgiu Comenius.

2. A ORIGEM DOS CONFLITOS NA BOÊMIA

Em meados do século XIV, as tensões geradas pelas mudanças econômicas e sociais no final da Idade Média tornaram-se insustentáveis. Havia revoltas de camponeses em várias

¹ Não posso seguir a proposta de Narodowski (2001, p. 17) ao declarar que a *Unitas Fratrum* tenha surgido da seita anabatista. O movimento anabatista tem sua origem na Reforma Protestante a partir do século XVI; todavia, a *Unitas Fratrum* surgiu dos taboritas do século XV. Para mais informações, ver Nichols (1989, p. 180).

regiões. Na Inglaterra, por exemplo, a aristocracia desejava controlar o comércio de lã, gerando a conhecida Guerra das Rosas. A Peste Negra infestou a Europa e exterminou um terço ou mais da população, trazendo como inevitável consequência dificuldades econômicas e sociais, especialmente pelo aumento de preços e pela escassez do trabalho. Enquanto isso, os turco-otomanos se espalhavam por toda a Península Balcânica, controlando o Mar Mediterrâneo, ameaçando a cristandade.

Na questão religiosa que é nossa ênfase na pesquisa, percebia-se a problemática em torno do Grande Cisma no ano de 1378. Nesse ano, Urbano VI e Clemente VII se auto-aclamaram sucessores legítimos de Pedro. A França e a Espanha seguiram Clemente VII de Avignon, que ficou conhecido pelo nome de Benedito XIII, enquanto a Inglaterra e os outros países seguiram Urbano VI, de Roma, que ficou conhecido como Gregório XII. O Concílio de Pisa, reunido para solucionar a questão, decidiu pela deposição de Benedito XIII e de Gregório XII e indicou o homem que assumiria o nome de Alexandre V como papa legítimo. Os dois papas se recusaram a aceitar tal decisão e continuaram em seus respectivos cargos.

Eventualmente, havia dois papas, cada qual reivindicando o trono; com isso, passaram a ser três. Com a morte de Alexandre V, em 1410, sucedeu-o João XXIII que permaneceu no poder por cinco anos, de 1410 a 1415 (CAIRNS, 1990, p. 208-209). A Igreja já não era mais a expressão religiosa da sociedade, estava corrompida, e essa situação chegava ao conhecimento de todos, escandalizando a cristandade e gerando grandes revoltas (WALKER, 1969, p. 383). Uma dessas revoltas, senão a mais importante dos conflitos do fim da Idade Média, ocorreu na Boêmia.

O catolicismo romano foi implantado na Boêmia pelo rei Vaclav por volta do século X, pois desde 862 até os primeiros anos do século X a Igreja Ortodoxa ou Igreja do Oriente era a oficial, pois a separação em definitivo da Igreja do Ocidente somente ocorreu em 1054 (SMITH, 1991, p. 332).

A Boêmia² foi um dos lugares onde essas revoltas se manifestaram, uma vez que ocorreu naquela região um movi-

² Incluía no século XIV a Morávia, a Silésia, a Alta e a Baixa Lusátia.

mento nacional envolvendo conflitos militares em larga escala. Não se tratava apenas de grupos isolados, considerados heréticos; pelo contrário, na Boêmia tais conflitos envolveram territórios inteiros, pois praticamente todos os boêmios estavam inseridos no conflito. Sendo assim, a Igreja da Boêmia rompeu com a Igreja romana, trazendo algumas sérias conseqüências.

No século XIV, a Boêmia se constituía no poder dominante da Europa Central. A maioria da população era eslava e a minoria, checa. Mas a classe governante era geralmente germânica. Havia bases alemãs espalhadas por todo o país, quase todas as regiões fronteiriças ao Norte eram controladas pelos alemães. A Igreja era uma das mais ricas e corruptas da Europa. Mais da metade das terras pertencia à hierarquia e às ordens religiosas. Os bispos e os poderosos abades viviam a luxúria dos senhores seculares. A maioria deles era alemã, ao passo que o baixo clero era geralmente de origem eslava e praticamente não havia comunicação entre eles, incluindo a diferença de idioma.

O que fazia a Boêmia ser tão especial é que, antes da descoberta da América, as minas da Boêmia eram a principal fonte européia de prata. Em grau menor produzia ouro e cobre. A maior parte dessa riqueza era distribuída de forma desigual, concentrando-se no topo das classes altas, que era extremamente rica, ao passo que na base as pessoas comuns viviam em uma economia camponesa. A Boêmia era a base do império, e que, por isso, tornou-se palco da intriga e da corrupção resultante do conflito entre o imperador e o papa.

Wenceslaus IV envolveu-se em uma disputa com os eleitores e grandes senhores do Império, até que finalmente foi deposto. Ele recusou aceitar a eleição de Rupert, e finalmente cedeu, consentindo o cargo ao irmão dele, Sigismund, rei da Hungria. Wenceslaus e o imperador Carlos IV incentivaram até certo ponto a liberdade religiosa e antipapalismo na Boêmia. A Inquisição foi mantida fora do país fazendo que um número de seguidores de Wycliff imigrasse da Inglaterra. O rei estabeleceu em Praga uma capela para a pregação popular, diretamente dependente de seu patrocínio, e independente do arcebispo ou de qualquer ordem religiosa. Na capela de Belém eram lidos sermões de diferentes pregadores, alguns reformistas, em checo e em latim. O conteúdo dos sermões

era de rejeições a proclamações papais e denúncia de simonia, nepotismo e luxúria da Igreja.

Nesse contexto, surge John Huss, que em 1402 foi designado reitor da Universidade de Praga, que ao sofrer alguma influência de John Wycliff pregou contra a autoridade papal. O papa Alexandre V condenou os discípulos de Wycliff, os Lollardos, e proibiu todos os livros de Wycliff, bem como a pregação em capelas independentes. Todavia, Huss continuou pregando e foi excomungado pelo arcebispo, que apelou ao novo papa, João XXIII, um dos mais corruptos e depravados da história do papado. O papa João XXIII não apenas apoiou o arcebispo Zbynek (1403-1411), como colocou a cidade de Praga sob intervenção enquanto Huss continuasse pregando (WALKER, 1969, p. 379).

Ao mesmo tempo, o papa inundou a Boêmia com vendedores de indulgências para financiar sua cruzada contra o rei Ladislaus de Nápoles (WALKER, 1969, p. 379). Huss denunciou a venda de indulgências, e sua permanência na cidade de Praga era insustentável. Por essa razão, exilou-se em uma zona rural perto de Praga, permanecendo dois anos escrevendo, e publicou sua principal obra, *De Ecclesia*, que serviu também de base para sua condenação à morte na fogueira, em 6 de julho de 1415.

Ficaram claros em sua condenação a injustiça, a corrupção, o abuso e o despotismo da Igreja, uma vez que Huss não foi ouvido em sua própria defesa. Agravante ao fato foi a atitude desleal do imperador Sigismund, que havia dado seu salvo-conduto de que após seu julgamento voltaria para Praga. Todavia, após a condenação dos “santos padres”, participantes do Concílio de Constança, Sigismund cassou seu salvo-conduto, e aprovou o julgamento do Concílio (WALKER, 1969, p. 380), possivelmente porque não desejava ser identificado com um herege. Com os preparativos para a morte de Huss, a Boêmia levantou-se, unânime, em revolta, primeiramente contra a traição do imperador e a injustiça do Concílio de Constança, e extensivamente contra a Igreja e o Império, gerando, assim, talvez a primeira revolução nacional na história ocidental.

Após a morte de Huss, decretada pelo Concílio de Constança em 1415 (McGINN, 1998, p. 126), 452 nobres de

todas as partes da Boêmia e da Morávia se uniram em um congresso de emergência em resposta à condenação de Huss pelo Concílio. Eles recusaram reconhecer os decretos do Concílio de Constança, a obedecer ao novo papa, a menos que ele fosse um homem de qualidade moral e agisse de acordo com a vontade de Deus. Tais decisões passaram a ser tomadas na Universidade de Praga, e estabeleceram a livre-pregação em seus territórios.

Com a permissão do Concílio de Constança, Sigismund organizou um exército para invadir a Boêmia. Em 1419, o rei Wenceslau tentou restaurar o Concílio para que continuassem seus ofícios na Igreja e na Universidade, deixando a população revoltosa fora da praça da cidade. Tal atitude conduziu os oponentes a atirar pedras, e sob a liderança de João Zizka invadiram a praça da cidade, pegaram o burgomestre e os membros do conselho e lançaram-nos pela janela, dando início à primeira “Defenestração” de Praga (McGINN, 1998, p.127) que marcou o começo da guerra aberta.

3. OS CONFLITOS NA BOÊMIA E O MILENARISMO DOS TABORITAS

Os hussitas podem ser divididos em dois grupos (SCHLESINGER & HUMBERTO, 1991, p.1309): 1. tabo-ritas de origem incerta eram mais radicais e apocalípticos (mais extremados); 2. utraquistas menos apocalípticos que os tabo-ritas (mais moderados). Os utraquistas reivindicavam para si o título de “verdadeiros intérpretes” do pensamento de Huss, visto que alguns foram alunos do pré-reformador. Tinham uma visão mais liberal, eram ricos e pomposos em sua intelectualidade. Todavia, segundo Walker (1969, p. 381), quem representava o verdadeiro pensamento de Wycliff e Huss eram os taboritas, de origem pobre, humildes e interioranos.

O nome “taboritas” deve-se a uma alusão ao Monte Tabor (Mat 28:16-20). O Tabor foi o monte onde Barak e Débora juntaram os anfitriões que aniquilaram Sísera, imortalizado

em um dos grandes poemas da Bíblia (DESROCHE, 2000, p. 75). Foi o Monte da Transfiguração de Cristo. Acreditavam, ainda, os taboritas ser o Monte das Oliveiras, onde Cristo pregou o conhecido “Sermão profético”, registrado em três evangelhos; e por fim, onde Cristo ascendeu ao céu. Para os taboritas, a referência ao Monte Tabor trazia consigo todo um simbolismo de vitória e de grandes realizações religiosas.

Os taboritas apresentavam um perfil extremado, eram radicais e rejeitavam todos os desvios do clero, bem como a pompa dos cultos e a vida secular. Uma possível explicação para que os taboritas não aceitassem as “pompas e acessórios” rituais nos cultos parece consistir no fato de que se tratava de pessoas pobres, sem possibilidade de manter tais acessórios e “pompa”. Isso provocava choques com os utraquistas de Praga, chamados também de calixtinos (SCHAFF-HERZOG, s. d., p. 419), que mantiveram vestes sacerdotais e outros aparatos nos cultos.

Esses grupos eram concorrentes, mas se uniram pela manutenção da Boêmia contra o domínio externo. De maneira que praticamente tiveram que conviver com suas diferenças. Para isso, firmaram o conhecido acordo “Compacta” (MACEK, 1975, p. 120), constituído de Quatro Artigos, que estabelecia:

1. Liberdade para a pregação.
2. Administração do pão e vinho.
3. Privação das riquezas pelo clero.
4. Castigo dos pecados públicos.

Sigismund, imperador austro-húngaro, que mantinha sob seu poder a Boêmia, não aceitou o “Compacta” e obteve do papa João XXIII a declaração de cruzada contra os hussitas, desencadeada em cinco diferentes momentos históricos. Suas tropas foram até Praga, mas foram derrotadas pelos taboritas, comandados por João Zizka (GONZALEZ, 1986, p. 105).

Esse fato ocorrido em 1420 chamou a atenção do papa e de Sigismund que, em 1421, prepararam um exército de cem mil homens, que também foram derrotados. Zizka perdeu o único olho, com o qual enxergava, na batalha, mas continuou na luta e novamente as forças do imperador foram derrotadas

pelos taboritas. O fato é que, com a *Bíblia* em mãos, iniciaram uma revolução militar contra o estabelecimento da Igreja e o catolicismo imperial, vencendo pelo menos cinco cruzadas (LOSSKY et al., 2002, p. 772).

Em razão das sucessivas derrotas, a Igreja oficial procurou estabelecer diálogo com os hussitas, que acabaram firmando um acordo, estabelecido praticamente pelos utraquistas que se constituíam de nobres, ricos, comerciantes alemães e proprietários de minas pró-Roma, desejosos de ser admitidos na comunhão romana. Eles formavam uma espécie de ala “direitista”, que apoiava em certa medida o arcebispo e a rainha Sofia, esposa de Sigismund. Os utraquistas lutaram contra os taboritas e os derrotaram na batalha de Lipan, em 1434, sendo admitidos à comunhão romana em 1436 (SCHAFF-HERZOG, s. d., p. 420). Dessa maneira, a Igreja romana tornou-se a religião oficial da Boêmia, mas o papa Pio II (1458-1464) declarou nulo o referido acordo, em 1462 (WALKER, 1969, p. 381), proibindo a comunhão entre os reinos.

Para os taboritas, a *Bíblia* era autoridade exclusiva de fé e prática; os credos e as interpretações da Igreja, os ritos e cerimônias, a sagrada missa, indulgências e orações pelos mortos, confissão auricular, extrema-unção, batismo de crianças, e todos os acessórios, como crisma, bênçãos em água benta, vestuários de missa, imagens, dias santos e tradicionais cantos de missa eram corrupções da Igreja, e negavam a sua pureza apostólica. Como os valdenses, invalidavam o ministério e a autoridade das pessoas que estivessem em pecado. Ensinavam que qualquer leigo poderia celebrar o pão e o vinho ou ouvir confissões, uma vez que o próprio John Huss, conforme afirma Gonzalez (1986, p.105), nos últimos dias de sua vida, havia chegado à conclusão de que o cálice deveria ser ministrado por leigos. Durante toda a história dos hussitas esse fato foi um dos seus temas característicos.

Outra característica dos taboritas era o milenarismo. Eles tinham como proposta religiosa a vida cristã nos moldes da Igreja primitiva, época em que as pessoas vendiam seus bens e depositavam os valores aos pés dos apóstolos. Da mesma maneira, os taboritas vendiam suas propriedades e colocavam o dinheiro e suas jóias, se possuísem, diante da

comunidade, e a riqueza acumulada era distribuída igualmente para todos os cidadãos (McGINN, 1998, p. 128). Promoviam grandes ajuntamentos, onde a eucaristia se tornava um maciço *agápe* ou festa do amor presidida pelos líderes militares ou religiosos.

Delumeau (1997, p. 98), ao comentar a proposta de retorno dos taboritas à Igreja primitiva, cita uma “crônica rimada” daquela época que demonstra a devoção e a atmosfera religiosa dos taboritas:

[...] No momento do Cordeiro,
No Tabor e noutros lugares,
Juntavam-se ao partido de Deus.
Faziam reuniões freqüentes,
Na piedade, na humildade,
Na concórdia e no amor fraterno,
Uns e outros dividiam entre si
Até mesmo um ovo, um pedaço de pão.
Comungavam o sangue de Deus e viajavam pelas Montanhas.

Nos primeiros séculos depois de Cristo, muitos crentes que padeciam as perseguições encontravam no milenarismo um motivo de alento e de perseverança em sua prova. Essa mesma crença inventava o sonho do messianismo, isto é, da espera por uma salvação coletiva, terrestre, iminente, total e sobrenatural – sonho de felicidade terrena, que ocorreria após o fim do mundo e a inauguração de um “novo céu e nova terra”. Por conseguinte, por meio do conceito de milenarismo exposto, incorporado aos princípios teológicos e escatológicos dos taboritas, percebe-se a grande influência que essa concepção exerceu sobre o estilo de vida daquela comunidade.

Pequenos grupos de pregadores pobres e ascéticos percorreram as cidades da Boêmia, em particular as do Sul, onde John Huss havia passado a última parte de sua vida, anunciando que somente seriam salvos, por ocasião da grande prova iminente, os que se refugiassem nas cinco cidades “eleitas”: Pilsen, Louny, Zatec, Klatovy e Slany, ou nas montanhas. Um manifesto anônimo de 1419, citado por Delumeau (1997, p. 100), que exortava os fiéis a fugir para os lugares santos onde o Senhor ia reaparecer, exprimia-se assim:

Caríssimos irmãos em Deus! Sabei que se aproxima já o tempo do maior tormento. É-lo que chega: está às portas, esse tempo anunciado por Cristo em seus evangelhos e por seus apóstolos em suas epístolas, pelos profetas e por são João no apocalipse. Nesse tempo, Deus, o Senhor ordena a seus eleitos pela voz de Isaías (cap. 51) fugir de entre os maus [...]. Mas para onde devem fugir os eleitos de Deus? Para as cidades fortificadas que Deus suscitou no tempo do maior tormento, para que nelas seus eleitos se abriguem.

De modo semelhante, Brezova, comentado por Delumeau (1997, p. 103), demonstra a proposta milenarista dos taboritas ao citar:

Nessa cristandade, enquanto durar a Igreja primitiva, restarão apenas cinco cidades corporais e matérias para onde os fiéis serão obrigados a fugir no tempo da vingança. Pois, fora dessas cinco cidades, não poderão alcançar a libertação e a salvação [...] ninguém será mantido à parte dos golpes do Senhor, a não ser nas assembléias das montanhas e das grutas rochosas onde os fiéis estão agora reunidos. Quem ler ou ouvir pregar a palavra de Deus, lá onde é dito: “Então, vós que estais na terra dos judeus, fugir para as montanhas”, se não deixar as cidades, burgos e aldeias para ir às montanhas onde estão reunidos os irmãos fiéis, pecará mortalmente contra o mandamento de Cristo e será punido; perecerá juntamente com essas cidades, burgos e aldeias, a não ser nas assembléias das montanhas. Somente os fiéis reunidos nessas montanhas constituem o corpo junto ao qual se reúnem as águias; somente eles são os exércitos enviados por Deus através do mundo para causar esses flagelos, realizar essas vinganças sobre as nações, destruir e queimar suas cidades, burgos, aldeias, fortalezas e castelos. Eles deverão julgar toda língua que resistir a eles.

Havia a crença de que o Anticristo reunia suas tropas no reino e no exterior para esmagar os leais servidores de Deus. Por essa razão, eram exortados a deixar seus cajados e pegar armas, pois não podiam esperar de braços cruzados, mas preparar o caminho para a volta de Jesus lutando contra o Anticristo e seus sequazes.

Um cântico milenarista (DELUMEAU, 1997, p. 99) que pode ser datado do final de 1419 convidava de maneira significativa à vigília, já que o Senhor em breve desceria à Terra:

Vigia, chama sem descanso,
Tu que conheces a verdade,
Monta a guarda [...].
Toma o vinho, a água, o pão,
Pois se aproxima tua hora
E deles terás necessidade [...].
Anuncia o dia em que virá teu Senhor,
Anuncia seu grande poder.
Em breve ele descera à terra
E te ordena que retornes à tua casa [...].
A verdade governará,
A mentira será vencida eternamente.
Homem, presta bem atenção,
Guarda isto na Memória.

A maioria dos militantes taboritas foi de milenaristas extremados, chegando a datar a Parousia (Retorno de Cristo) para o ano 1420. Segundo Delumeau (1997, p. 100), os acontecimentos e a ideologia da revolução taborita, em particular seu componente milenarista, nos são conhecidos, sobretudo pela *Crônica hussita* do universitário praguense Lourenço de Brezova (1370-1436):

[Por volta de 1419-20] alguns padres [...] taboritas anunciaram a nova vinda de Cristo. Por ocasião desse evento, diziam, todos os maus e os adversários da verdade deverão perecer e ser exterminados, e os bons serão conservados em apenas cinco cidades. Por essa razão, várias cidades que tinham a liberdade de comungar no cálice não quiseram fazer nenhum acordo com seus adversários e principalmente com a cidade de Pilsen. Os referidos padres pregavam, no círculo de Bechyné e também noutros lugares, muitas opiniões errôneas e contrárias à fé cristã, interpretando falsamente em suas mentes os escritos dos profetas e recusando as palavras católicas dos santos doutores. Suas prédicas amedrontavam o povo, conclamando todos e cada um que

quissem salvar-se da cólera de Deus todo-poderoso (que, na opinião deles, devia se manifestar em breve no mundo inteiro) a abandonar cidades, fortalezas, aldeia e burgos, tal como Lot abandonou Sodoma, e a buscar refúgio nas cinco cidades.

Justificavam como parte da preparação para a vinda do Reino que era dever da fraternidade dos santos encharcar suas espadas com o sangue dos malfeitores, lavando as mãos, literalmente, com sangue. Delumeau (1997, p. 102) cita a *Crônica hussita* de Brezova, na qual declarava que para os taboritas não deveria haver piedade para com os pecadores e os fiéis deveriam derramar o sangue dos adversários de Cristo:

O tempo da vingança não é mais aquele da graça e da piedade pedidas a Deus; e por isso nenhuma piedade deve ser mostrada aos maus e aos adversários de Deus. Nesse tempo presente de vingança, não se deve, em relação aos adversários da lei de Deus, imitar Cristo em sua doçura, sua mansuetude e sua misericórdia, mas apenas em seu zelo, seu furor, sua crueldade e sua justa maneira de retribuir. Nesse tempo de vingança é maldito todo fiel que não quiser, ele próprio, com sua espada, derramar o sangue dos adversários da lei de Cristo. Cada fiel deve lavar suas mãos no sangue dos inimigos de Cristo. Pois é bem-aventurado aquele que retribuía filha miserável do mesmo modo que ela própria nos retribuiu. Cada sacerdote de Cristo, nesse tempo da vingança, tem o direito e o dever de combater em pessoa pela lei comum, de ferir e matar todos os pecadores e de usar sua espada e outras armas e instrumentos de combate. Enquanto durar a Igreja militante, desde o tempo presente da vingança [que se situa] bem antes do dia do juízo final, todas as cidades, todas as aldeias, cidadelas, fortalezas e burgos e todas as casas devem ser destruídas e queimadas como Sodoma, porque nem o Senhor nem nenhum homem bom nelas entrarão. A partir desse tempo de vingança, a comuna e a cidade de Praga deve, como a Babilônia, ser destruída e queimada pelos fiéis. Todo senhor, pequeno nobre, burguês ou camponês que, admoestado pelos fiéis sobre o ponto dos quatro decretos, não aderir a eles fisicamente e com sua presença, será, como Satã e o dragão, despedaçado e morto por eles. E eles confiscarão seus bens como os dois inimigos. Todos os bens temporais dos

adversários da lei de Cristo devem ser tomados, destruídos e queimados. Todos os camponeses que são forçados a pagar dívidas anuais aos adversários da lei de Cristo devem destruir esses adversários e reduzi-los a nada, e arruinar seus bens como os dos inimigos.

Sua crença estava fundamentada na certeza de que após a destruição dos “pecadores”, à semelhança de Sodoma e Gomorra (DELUMEAU, 1997, p. 127), Cristo apareceria no alto de uma montanha, possivelmente o Monte Tabor, e celebraria a vinda do Reino com um grande banquete messiânico para todos os crentes vitoriosos.

Os eleitos ressuscitarão desde já em seu próprio corpo, bem antes da segunda ressurreição que será geral. Com eles, Cristo descerá do céu e viverá corporalmente na terra, aos olhos de todos. E nas montanhas corporais haverá um grande banquete e festim ao qual ele comparecerá para ver os convivas e rejeitar o mal nas trevas exteriores. E ele exterminará com fogo e pedras todos os que estiverem fora das montanhas, como o fez outrora no dilúvio com todos os que estavam fora da arca de Noé (DELUMEAU, 1997, p. 104).

Gonzalez (1986, p. 118), comentando a respeito do milenarismo dos taboritas, declara:

Ao que parece estas doutrinas se baseavam no começo em um milenarismo exagerado. O fim estava às portas. Então Jesus Cristo castigaria os ímpios, e exaltaria os eleitos. Nos últimos dias, à espera do fim, era tarefa destes eleitos empunhar a espada e preparar o caminho do Senhor. Não havia motivo para ter misericórdia daqueles que de qualquer forma o Juiz Supremo iria condenar ao fogo eterno. Por isto todos os que agora se opunham à vontade de Deus deveriam ser destruídos pelas milícias cristãs. Quando chegasse a hora final Deus restauraria o paraíso.

Acreditavam que no Reino todos os sacramentos e ritos seriam dispensados, substituídos pela presença real de Cristo e do Espírito Santo; todas as leis seriam abolidas; os eleitos jamais morreriam; e as mulheres iriam parir crianças sem dor

e sem relações sexuais prévias, como afirma Delumeau (1997, p. 105): “No reino renovado da Igreja militante, as mulheres conceberão filhos e filhas até os netos. As mulheres conceberão sem semente corporal”.

A maioria dos taboritas foi puritana em sua conduta pessoal, mas uma minoria, influenciada pelas doutrinas do “Espírito Livre” de Pikardi, acreditava que o milênio já havia chegado e que Cristo estava vivendo entre eles (SCHLESINGER; HUMBERTO, 1995, p. 1020). Eles compunham o reino dos eleitos, e para eles todas as leis tinham sido abolidas. Percebe-se que a concepção milenarista, a expectativa da parousia e a implantação da justiça e da paz na Terra por Cristo foram o incentivo e a motivação para as diversas vitórias que os “rebeldes boêmios” tiveram ao enfrentar as cruzadas de Sigismund apoiadas pelo papa e pelos ultraquistas alemães. Justo Gonzalez (1986, p. 119) atesta nossa interpretação quando afirma:

Outro fato significativo é que a expectativa escatológica levou os taboritas a tomar atitudes concretas, e contribuiu para seus repetidos triunfos sobre os invasores [ultraquistas] alemães. É importante mencionar isto, porque frequentemente se diz que esta expectativa leva as pessoas ao conformismo, quando na verdade a história nos relata diversos casos que provam o contrário. Na realidade muita coisa depende do conteúdo concreto desta expectativa, e da maneira em que ela se relaciona com o presente.

O milenarismo taborita pode ser visto na citação de Delumeau (1997, p. 102) ao enumerar artigos da *Crônica husita* de Lourenzo de Brezova:

Em primeiro lugar, a partir de agora, neste presente ano que é o ano de 1420, haverá e [já] há o fim do século, isto é, o extermínio de todas as coisas más. Ocorrerão a partir de agora os dias da vingança e o ano da retribuição em que perecerão os pecadores do mundo inteiro e os adversários da lei de Deus, de modo que nenhum deles será poupado; e eles deverão perecer pelo fogo, pela espada e pelos sete últimos flagelos que são descritos no Eclesiástico (39,29-30): o fogo, a espada, a fome e os dentes dos animais ferozes, os escorpiões, o granizo e a morte.

Nesses artigos pode-se verificar que, para os taboritas, o tempo da vingança divina e o ano da retribuição em que pereceriam os pecadores e os adversários da lei de Deus estavam próximos e que ninguém escaparia do juízo de Deus. Os soldados de Deus iam arrasar a Terra e instalar a sociedade dos eleitos sobre as ruínas dos reinos esmagados. Sonhavam que os reis seriam seus servidores, e que as nações que não aceitassem servi-los seriam exterminadas. Os filhos de Deus passariam sobre os corpos dos reis, e todos os reinos que estariam debaixo do céu lhes seriam dados.

O fim desse século “pecador” inauguraria um período de felicidade na Terra, conforme as palavras de Delumeau (1997, p. 105):

A Igreja militante será gratificada com maiores dons que a primeira morada, isto é a Igreja primitiva [...] o sol da razão humana não iluminará os homens: isto significa que ninguém ensinará seu próximo, mas que todos serão ensinados por Deus. Na Igreja militante [em seu reino] cessará toda lei divina escrita. Cessarão também as Escrituras da Bíblia. A lei de Cristo será escrita no coração de cada um, e não haverá mais necessidade de alguém que ensine.

Enfim, apesar de não aparecer a palavra “milênio” nos artigos das *Crônicas Hussitas*, verifica-se em seu interior uma concepção clara do milenarismo dos taboritas: Cristo voltará à Terra e reinará com seus fiéis.

Os taboritas eram revolucionários apocalípticos que acreditavam que a Segunda Vinda de Cristo e a destruição universal do mundo mau aconteceriam em um futuro bem próximo. Alguns chegaram a datar a instauração do reino de Deus em 1420; como tais eventos não ocorreram, adiaram um pouco mais a data (GONZALEZ, 1986, p. 104). Coincidência ou não, nesse mesmo ano os taboritas quebraram todas as conexões com a Igreja romana, ordenando bispos e padres, independentemente da aprovação daquela Igreja.

Em 1421, quatrocentas pessoas foram expulsas de Tabor. Vagavam nus pelos bosques, cantando e dançando, reivindicando estar no estado de inocência de Adão e Eva antes da Queda, o que resultou no conhecido nome “adamitas”. Com

base nas observações de Cristo sobre as meretrizes e os publicanos, eles consideravam a castidade um pecado, e ao que parece passavam a maior parte de seu tempo em contínuas orgias sexuais (DELUMEAU, 1997, p. 107-108). Nota-se, todavia, que não há certezas de que esse realmente era o comportamento dos “adamitas”, visto que somente os conhecemos pela óptica dos seus inimigos. Martin Húska, enquanto esteve na prisão, escreveu uma carta a seu amigo Josef Macek em que declarava a respeito desse grupo: “uma ferocidade e um fanatismo abomináveis, mas uma alma devotada a Cristo e uma fé inabalável na justiça divina” (DELUMEAU, 1997, p. 108).

João Zizka, após abandonar os taboritas e se refugiar junto aos horebitas, passou parte de sua vida a perseguir os adamitas que, além do desvio doutrinário, eram acusados de furtos, roubos, assassinatos, entre outras coisas.

Além dos adamitas, o taborismo deu margem a outra facção, sob liderança de Pedro Chelsicky, que se retirou para uma área rural da Boêmia e fundou uma comunidade pacifista, rejeitando todo o uso da força. Para Chelsicky, o poder político e o Estado existem apenas como um mal necessário, como um resultado do pecado original, para manter a ordem no mundo fora da comunidade dos verdadeiros cristãos, onde todas as relações são governadas pela paz e pelo amor. O laço principal de união entre os irmãos deveria ser o amor e o exemplo da vida de Cristo e dos apóstolos.

Esses pacifistas sobreviveram a todas as revoluções e contra-revoluções da reforma boêmia para se tornar o *Unitas Fratrum*, ou “Irmãos morávios”, denominados assim pela primeira vez em 1730 (TUTTLE, 1982, p. 24). Os Irmãos morávios acreditavam que deveriam cumprir somente as leis descritas nos evangelhos e não as ordens da Igreja católica. Aceitavam os sete sacramentos e outras doutrinas católicas; exigiam de seus bispos integridade, que ministrassem a Ceia com os dois elementos, pão e vinho, e pontuavam que por meio da fé Deus estaria presente nos sacramentos.

Na *Unitas Fratrum* havia três grupos: os iniciantes ou penitentes, os avançados e os perfeitos (os bispos). Após a pregação e a confissão administravam-se os sacramentos. O poder supremo na comunidade era o Sínodo, composto dos clérigos, mas o Concílio era restrito, composto por dez membros, que exerciam o real poder (DOUGLAS, 1999, p.139-140).

4. A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO MILENARISTA NA VIDA DE COMENIUS

A aliança estabelecida entre os utraquistas que desejavam retornar à Igreja romana, Sigismund e o Papa teve como consequência a definitiva submissão da Boêmia, em 1526, para a casa de Habsburgo de origem católica.

Rodolfo II era imperador nessa época, e, apesar de pertencer à Casa dos Habsburgo, criara um ambiente tolerante quanto às questões religiosas. Prova dessa tolerância pode ser vista na *Confissão boêmica* (1575), na qual estavam inclusos os pressupostos reformados dos luteranos, calvinistas e outros (DOUGLAS, 1999, p. 140). Mas com sua morte em 1612 e a ascensão de seu idoso irmão Mathias ao trono, essa situação foi modificada. Os católicos esperavam que após a morte de Rodolfo II, Fernando, arquiduque de Habsburgo da Estíria, religioso fanático, que mandava cotidianamente rezar duas missas em sua capela, assumindo, portanto, a fé católica, se tornasse o rei da Boêmia (KULESZA, 1992, p. 28).

Os boêmios, por sua vez, organizaram um governo provisório em seu país e ofereceram a coroa da Boêmia a Frederico V, que era líder da União dos Príncipes Protestantes Alemães, sobrinho do duque Bouillon, líder huguenote na França, sobrinho de Maurício de Nassau, e, portanto, com estreitos laços familiares com a nobreza holandesa (KULESZA, 1992, p. 30). Nele estava a esperança de paz e prosperidade dos boêmios, visto que afirmou: “Minha única finalidade é servir a Deus e à sua Igreja” (COVELO, 1999, p. 39).

A centralização promovida por Fernando de Habsburgo entregou a administração da Boêmia a funcionários alemães e elevou o idioma alemão a língua oficial na Boêmia, impondo-o em detrimento da língua checa. Essa atitude proporcionou uma oposição crescente que desejava uma Igreja checa nacional (KULESZA, 1992, p. 24). No dia 23 de maio de 1618, vários protestantes, descontentes com a destruição de um de seus templos, invadiram o palácio de Praga e atiraram, janela abaixo, os representantes da Casa de Áustria ali reunidos em conselho (GONZALEZ, 1986, p. 108). Esse episódio, que ficou conhecido com o nome de “Defenestração de Praga”, é considerado o marco inicial da Guerra dos Trinta Anos.

Fernando II estava determinado a “recatolizar” a Boêmia (DREHER, 1999, p. 95). A *Unitas Fratrum*, organizada entre os taboritas que seguiram o pacifista Pedro Chelsicky,

passa assim a incorporar ao seu ideal de retorno à Igreja Primitiva baseada apenas nas Sagradas Escrituras, a luta pela preservação da unidade nacional tcheca através da conservação e difusão das tradições culturais de seu país (DREHER, 1999, p. 24),

tornando-se a grande opositora, e naturalmente a instituição religiosa mais perseguida pelo Sacro Império que, sob as ordens do papa, governava a Boêmia, forçando-os a deixar sua pátria em meio a grandes perseguições e sofrimentos.

Comenius, citado por Covello (1999, p. 40-41), narra como foi o êxodo da União dos Irmãos:

Trinta e seis mil famílias saíram da Boêmia e da Moravia, fiéis às suas convicções. A população checa diminuiu oitenta por cento. A guerra causa horror em Comenius: Quantos seres humanos mortos – deplora. Quantos presos! A quantos ceifou a fome, a peste, o frio, a amargura, o medo, o horror! Quantos templos foram tomados! Quantos sacerdotes banidos! Quantas famílias empobrecidas, das classes elevadas, como das classes baixas. E quantos se desviaram coagidos pela prisão e pelas torturas, ou vítimas de enganos astutos. E não há neste mundo esperança alguma de melhoras [...] Terminam as guerras, mas outras se seguem e a peste nada nos deixou senão algumas cidades despovoadas. Mas que digo, deixou-as? Ainda as continua a devorar. Em tudo há uma carestia nunca vista; impostos e tributos superiores às possibilidades humanas pesam sobre nós, e não só as autoridades como também a soldadesca saqueiam-nos à vontade e, o que é pior, sobre corpos e almas imperam a tirania e a violência.

Nas palavras de Comenius, denota-se sua contestação à guerra, indagando se não haveria outros meios de decidir as questões. Kulesza (1992, p. 31), comentando sobre aquela Batalha, afirma:

A Batalha da Montanha Branca, quase insignificante do ponto de vista militar, reduziu o reino da Boêmia a uma existência

meramente nominal, submetendo a nação checa a uma dominação estrangeira, mais ou menos efetiva no decorrer dos anos, da qual somente viria a se livrar com o final da Primeira Guerra Mundial, já no século XX.

Na Batalha da Montanha Branca, em 1620, a Boêmia foi completamente devastada e a esperança de que Frederico V, protestante, conseguisse reedificá-la, foi esquecida, pois o monarca foi desamparado por todos os príncipes protestantes, incluindo Jaime I, seu sogro, que observaram passivos a destruição daquele país. Entristecido com a situação de seu país, Comenius se tornou o embaixador de seu povo e realizou várias viagens para buscar asilo aos Irmãos morávios.

Entregou-se ao estudo de obras teológicas e pedagógicas semelhantes à de Wolfgang Ratke (1571-1635), Johan Valentim Andreae (1586-1654) e outros, tendo a esperança de que a guerra acabasse logo e a Boêmia renascesse das cinzas graças à introdução de um adequado sistema educacional. A educação seria o meio para alcançar a paz e pôr fim à guerra, visto que ela seria “a salvação para a corrupção do gênero humano” (COMENIUS, 1999, p. 14-15) e a maneira de fazer do homem “paraíso de delícias do criador”.

Com isso em mente, acena-se para o fato de que um dos motivos que mais contribuíram para que Comenius escrevesse suas obras, dentre elas a *Didática magna*, foi sua concepção milenarista, haja vista que fora incentivado muitas vezes por místicos de seu tempo e pela crença dos taboritas, no sentido de que os Irmãos morávios eram os eleitos de Deus e, como tais, seriam restauradores do Reino de Deus na Terra. Por essa razão, havia necessidade de superar os obstáculos do presente e apostar na esperança de um futuro melhor, conforme se pode verificar em sua obra *Via Lucis*, publicada em 1642 em Londres, a qual sintetiza suas idéias pansóficas: escolas universais, métodos universais, livros universais, idioma universal e, sobretudo, o colégio de sábios voltado para o bem-estar da humanidade, o que deixa transparecer que o educar em Comenius é o caminho fundamental para a felicidade e a realização humanas.

Com a esperança de que a guerra acabasse, Comenius pressupunha que haveria um período de paz e de felicidade, resultado de uma educação qualitativa, com acesso para

todas as pessoas. Quanto às razões que teriam incentivado Comenius a escrever a *Didática magna* e suas demais obras literárias, percebe-se que a crença milenarista de um paraíso na Terra, advinda da *Unitas Fratrum* ou dos hussitas-taboritas, influenciou o seu pensamento teológico-pedagógico (LOPES, 2006, p. 189-190).

Em 1623, no exílio no castelo de Lopoty, escreve *Labirinto do mundo e o paraíso do coração*, que se torna um clássico da literatura checa, pois serviu de consolo aos que haviam sobrevivido às desgraças da guerra.

O livro narra a história de um viajante que procura observar os homens e suas inclinações pessoais. São descobertas as máscaras que cada um traz consigo, quando em meio aos amigos, mas que estando a sós retiram-na. O viajante percebe os vícios e defeitos comuns dos homens. Vê que a esses homens falta compreensão mútua, produzindo rixas, desentendimentos e ocupações com questões e coisas inúteis. No labirinto, o orgulho, a vaidade, as enfermidades e a morte é que estão em primeiro lugar em nossas vidas. O que mais incomoda tal peregrino é que os homens se orgulham de seus feitos, e não compreendem que podem ser em breve consumidos pela morte. Diante do momento tenebroso da realidade, o viajante ouve uma voz que lhe diz: Volta para trás. Regressa para lá donde saíste, volta ao aposento de teu coração. Entra e fecha a porta, a partir dali em seu interior encontra Deus que o leva ao louvor e à compreensão de que a Deus pertence todas as coisas e que se deve confiar plenamente nele. A experiência mística do encontro transfigura-o e ele encontra a verdadeira felicidade.

Comenius defendeu nessa obra a importância de se ter uma experiência mística com Cristo, alienando-se do mundo, e, como verdadeiro cristão, encontrar conforto em Jesus Cristo, que possibilita uma sociedade regida pelo amor desinteressado ao próximo, provando ser uma nova criatura em Cristo.

Como se pode ver, trata-se de uma reflexão sobre suas próprias vicissitudes, destinadas a consolar seus irmãos e a si próprio, trazendo à luz com toda força os antigos anseios dos Irmãos morávios de se organizar segundo os princípios da Igreja Primitiva (KULESZA, 1992, p. 32).

Essa obra cumpriu seu propósito, isto é, serviu de consolo para os morávios e, também, para os povos que sofriam com a guerra, é o que afirma Covello (1999, p. 49):

Este ensaio repercutirá não só no povo checo como em outras nações atingidas pela guerra, ensinando a sair do labirinto das ilusões humanas e a entrar no paraíso do coração, o mundo interno e divino, onde se encontra o bem-estar imperecível. Quando os irmãos Morávios tiveram de deixar definitivamente a pátria, entoavam um hino que dizia: Nada conosco levamos, pois nada mais temos: só a *Bíblia de Králice e o Labirinto do Mundo*.

Ao ser convocado para um concílio dos Irmãos morávios em Leszno, na Polônia, Comenius toma conhecimento das profecias de um clérigo natural da Silésia, Cristóvão Kotter, que mediante uma série de visões teria antevisto a paz na Boêmia, com a recondução de Frederico V ao trono da Boêmia, inaugurando um período de paz, riqueza e glória para a Boêmia. Na mesma época, depara com a jovem Christina Poniatowski, de dezesseis anos, filha de um pastor dos Irmãos morávios; ela novamente antevia a libertação da sua pátria e a glória dos “Irmãos”, por meio da interpretação dos sonhos e alucinações da jovem (KULESZA, 1992, p. 35).

Comenius ficou impressionado com essas profecias. Consolado, desperto novamente em seus desejos e esperança, redige um manuscrito em 1657, conhecido como *Lux in tenebris*, o qual contém a visão de Cristóvão Kotter e de Christina Poniatowski, complementada por Drabík, e leva-o pessoalmente a Frederico V, com o propósito de incentivá-lo a ter esperança em dias melhores.

Comenius (1987, p. 219) em sua obra *Lux in tenebris* confere uma interpretação milenarista às profecias de Kotter e de Poniatowski, ao afirmar, no prefácio do referido texto:

O mundo atingiu um estado de corrupção comparável ao da época do dilúvio, sobretudo entre os cristãos e em particular na Alemanha; o papa é o anticristo e a Igreja romana a grande prostituta, sendo a casa austríaca a besta que gera o anticristo; Deus, cansado dessa corrupção, prepara um dilú-

vio de sangue que jogará as nações no caos; o fim do papa e da casa austríaca coincidirá com o fim das guerras religiosas; Hungria e Suécia serão salvadores que levarão à grande reforma universal.

Essas profecias, no entanto, jamais se confirmaram, apesar da crença de Comenius. Não obstante, a crença num paraíso terrestre seria determinante em seus conceitos e iria acompanhá-lo pelo resto da vida. Fortemente ancorado em sua própria formação mística, desenvolver-se-ia pela elaboração de um milenarismo, no qual o papel dos eleitos de Deus, representados pela Unidade dos Irmãos, seria fundamental na implantação do reino milenar de Cristo na Terra (cf. KULESZA, 1992, p. 34). Com esse pressuposto é que Comenius, ao ser um membro superior da Unidade dos Irmãos, continuava acompanhando as vicissitudes de sua gente exilada tentando minorar suas dificuldades de diferentes formas, dentre elas a edição de várias obras destinadas aos serviços religiosos, incluindo um livro de hinos e salmos, com o objetivo de que pudessem servir como uma espécie de guia quando o paraíso terrestre fosse implantado.

A crença de retorno à pátria e a da paz evangélica nas profecias e doutrinas milenaristas não foram vivenciadas somente por Comenius; ao que parece, no século XVII, o pensamento milenarista ocupou a mente de pensadores como o Padre Vieira e Dom Sebastião, conforme afirma Kulesza (1992, p. 43):

As visões escatológicas, quer sejam do aventurado milênio quer sejam do terrível Juízo Final, povoaram as mentes do século XVII, fazendo, por exemplo, parte dos sonhos do nosso Padre Vieira a partir da Revolução Anti-Castelhana de 1640, com Frederico V sendo substituído pelo lendário rei Dom Sebastião que viria estabelecer a glória de Portugal no mundo inteiro.

Gasparin (1994, p. 37) demonstra que o pensamento milenarista, de fato, ocupou a mente de Comenius:

Acreditavam os estudiosos contemporâneos que, além das causas humanas, ela possuía seus fundamentos em razões espirituais

profundas. Falava-se em dissolução da sociedade ou do mundo; dissolução esta que freqüentemente se justificava por novas interpretações da Bíblia, ou por novos fenômenos celestes, como a aparição do cometa em 1618. Situava-se entre 1640 e 1660 o fim da sociedade e do mundo. Entre os que seguiam essa crença encontrava-se o enciclopedista alemão Alsted, o erudito pedagogo de Herbon, porta-estandarte dos milenaristas. Expressou sua doutrina na obra *Diatribes de Mille annis apocaluptions*, escrita em 1627. Na Boêmia, seu discípulo Comênio freqüentemente se referia ao fato de que o fim dos tempos estava próximo e, portanto, tudo devia ser feito visando o término do mundo e do homem para breve, como deixou expresso em suas obras *Caminho da luz e Luz nas trevas*.

Gasparin (1994, p. 54) deixa claro que o incentivo de Comenius para escrever mais e mais obras num curto espaço de tempo está intimamente relacionado à sua visão milenarista: “Comênio freqüentemente se referia ao fato de que o fim dos tempos estava próximo e, portanto, tudo devia ser feito visando o término do mundo e do homem para breve [...]”.

Por fim, cremos ser importante pontuar algo que já foi dito anteriormente, mas que é mister destacar. Comenius, ao escrever suas primeiras obras, incluindo a *Didática tcheca*, visava soerguer sua pátria. Ele acreditava que o paraíso poderia ser construído na Terra, e a Boêmia seria o lugar escolhido para sua implantação (GASPARIN, 1994, p. 54). Todavia, diante da Batalha da Montanha Branca em 1620, ele perdeu a esperança de que o paraíso a ser instaurado fosse na Boêmia, e assim traduziu a *Didática tcheca* para *Didática magna*, com a finalidade de que um grupo maior de pessoas pudesse lê-la, e o “Novo Céu e a Nova Terra” envolvesse um maior número de lugares.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário político-religioso da Boêmia no século XV proporcionou a crença milenarista. Foi um período de intensas lutas, guerras, morte e assassinatos. Era de esperar a crença

num paraíso terrestre repleto de felicidade, o qual seria o sucessor de um período de grandes provações.

Naqueles dias, a esperança proporcionada pelos ensinamentos da religião foi um dos fatores mais importantes do período, visto que, por meio dela, houve intensas buscas coletivas de aproximação do transcendente que produziu dois princípios elementares:

- a) Consolo e disposição no enfrentamento das vicissitudes da vida, dando sentido àqueles homens quanto ao desejo de continuar vivendo, apesar dos sofrimentos.
- b) Criam que “como eleitos de Deus” tinham a necessidade de passar por todas as provações para demonstrarem sua perseverança diante do combate, haja vista se considerarem “soldados de Deus” para a implantação de um paraíso terrestre.

Tais princípios formaram as bases fundamentais do milenarismo hussita-taborita, o qual tinha como fundamento motivador a esperança, a crença na felicidade, e que seriam instaurados o “Novo Céu e a Nova Terra” em breve na Boêmia. A convicção de que eles eram os “eleitos” de Deus conduziu aquela comunidade a vencer pelo menos cinco cruzadas do imperador Sigismund e o papa e a defender com todo empenho, com inclusão da força, o “Monte Tabor”, pois Cristo retornaria logo, e cada um deles deveria ser encontrado perseverante e fiel no combate e nos ensinamentos de Cristo.

Essa concepção hussita-taborita ultrapassou os anos e influenciou Comenius, que procurou escrever suas mais de 250 obras velozmente, pois cria que o reino de Deus não demoraria ser instaurado e que elas serviriam para acelerar ainda mais a implantação do paraíso terrestre.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

- CAIRNS, E. *Cristianismo através dos séculos*. São Paulo: Vida Nova, 1990.
- COMENIUS, J. *The labyrinth of the world and the paradise of the heart*. London: Aldine House, 1998.
- . *Didática magna*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- . *Lux in tenebris*. In: *Opera didactica omnia*. Praha: Kastellaum, 1987.
- COVELLO, S. C. *Comenius: a construção da Pedagogia*. São Paulo: Comenius, 1999.
- DELUMEAU, J. *Mil anos de felicidade: uma história do paraíso*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- DESROCHE, H. *Dicionário de messianismo e milenarismo*. São Bernardo: Editora Umesp, 2000.
- DOUGLAS, J. D. *The New International Dictionary of the Christian Church*. 2. ed. Michigan: Zondervan Corporation, 1999.
- DREHER, M. N. *A Igreja latino-americana no contexto mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. (Coleção História da Igreja, v. 4).
- GASPARIN, J. *Comênio ou a arte de ensinar tudo a todos*. Campinas: Papirus, 1994.
- GONZALEZ, J. L. *A era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 1986. v. 5.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KULESZA, W. *Comenius: a persistência da utopia em educação*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- LOPES, E. P. *A inter-relação da teologia com a pedagogia no pensamento de Comenius*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.
- LOSSKY, N. et. al. *Dictionary of Ecumenical Movement*. 2. ed. Switzerland: WCC Publications, 2002.
- MACEK, J. *La revolución husita*. Madrid: Século XXI de Espãna Editores, 1975.

McGINN, B. *The Encyclopedia of Apocalypticism*. New York: The Continuum Publishing Company, 1998. v. 2.

NARODOWSKI, M. *Comenius & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

NICHOLS, R. *História da Igreja cristã*. São Paulo: CEP, 1989. p. 180.

SCHAFF-HERZOG. *Encyclopedia of Religious Knowledge*. Michigan: Baker Book House, [s. d.]. v. 5.

SCHLESINGER, H.; HUMBERTO, P. *Crenças, seitas e símbolos religiosos*. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SMITH, H. *As religiões do mundo. Nossas grandes tradições de sabedoria*. São Paulo: Cultrix, 1991.

TUTTLE, M. *Christian History Magazine*. In: FAGAN, T.; ZIZENDORF, K. S. and the Moravian. New York: Canada Publications, 1982. v. I, n. 1.

_____. *Christian History Magazine*. In: ABBENHUIS, Maartje M. *Jan Hus the incendiary Preacher of Prague*. New York: Canada Publications, 1986. v. XIX, n. 4.

_____. *Christian History Magazine*. In: DONAGY, Nancy. *Jan Amos Comenius*. New York: Canada Publications, 1987. v. VI, n. 1.

WALKER, W. *História da Igreja cristã*. São Paulo: Aste, 1969.